

## REFERENCIAÇÃO, USO DO LÉXICO E LETRAMENTO

Vanda Maria Cardozo de MENEZES<sup>21</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo avaliar em que medida os estudos sobre referenciação e lexicalização podem colaborar para as pesquisas atuais sobre letramento, tomando como base, para aplicação teórica e descritiva, um *corpus* composto por expressões lexicais que confirmam a atuação do princípio de “idiomaticidade” apontado por Erman e Warren (2000). Assim, em relação ao ensino de língua para o letramento, indagamos que contribuições poderão trazer a concepção de referenciação e a concepção de “representação exemplar” para a prática de uso variado e adequado do léxico?

**Palavras-chave:** Referenciação. Lexicalização. Letramento.

**Abstract:** *This paper aims to evaluate to what extent the studies on referentiation and lexicalization can interact with current research on literacy. In order to establish a theoretical and descriptive application, our analysis was based on a corpus that is composed of a great quantity of lexical expressions that confirm the idiomaticity principle pointed out by Erman and Warren (2000). Thus, in relation to language teaching for literacy, we ask about what contributions can the conception of referentiation (MONDADA AND DUBOIS, 2003) and "exemplar representation" (BYBEE, 2010) bring for the practice of a varied and appropriate use of the lexicon?*

**Keywords:** *Referentiation. Lexicalization. Literacy.*

---

<sup>21</sup> Professor Associado do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF) - Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. [vcmeneses@terra.com.br](mailto:vcmeneses@terra.com.br)

## Introdução

O entendimento atual do que seja “referência”, a partir dos avanços da pragmática e da linguística cognitiva, em especial com a abordagem sociocognitiva defendida por Mondada e Dubois (1995) no artigo *Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation*, nos leva a constatar a possibilidade e, mesmo, a necessidade de revisão de variados tópicos, no campo do léxico e da gramática.

A língua há muito deixou de ser tomada como *agente* da referência – não é a língua que faz referência, mas um enunciador de tal modo sujeito social e historicamente situado, que se acha ligado a outros sujeitos do discurso e a outros tantos sujeitos sociais, que partilham com ele um dado contexto de comunicação e outros tantos “contextos sociocognitivos”<sup>22</sup>.

Assim sendo, indagamos sobre a possibilidade de os estudos em referenciação se agregarem às pesquisas em Letramento. Pensando no uso do léxico, acreditamos que o aprofundamento dos estudos em referenciação nos ajuda a entender as estratégias desenvolvidas nas atividades textuais e discursivas, tanto na leitura quanto na escrita, e, a partir deste entendimento, nos ajudam também a criar e planejar atividades que potencializam essas estratégias.

Tomamos aqui a concepção de protótipos de Mondada e Dubois (1995, 2003) e a noção de representação exemplar de Bybee (2010) para melhor entendermos a questão da estabilidade e instabilidade, em vez de nos rendermos à complexidade do *modus operandi* da categorização linguística ou adotarmos visões dicotômicas que nos distanciam do uso da língua.

## Protótipos e representação exemplar

Bybee (2010) retoma algumas constatações já amplamente conhecidas, com o objetivo de chamar a atenção para processos cognitivos recorrentes que operam no uso da língua e que, por serem recorrentes, promovem “aparente estabilização”, enquanto também possibilitam variações em qualquer tempo. Após comparação com “dunas de areia”, a autora afirma:

A língua também é um fenômeno que apresenta estrutura aparente e regularidade de padronização e que, ao mesmo tempo, mostra variação considerável em todos os níveis: as línguas diferem uma das outras, enquanto

---

<sup>22</sup> Há, pois, de se repensar também uma concepção mais adequada de “contexto”, começando-se, quem sabe, por entender em concomitância as atividades de referenciação e de contextualização.

são patentemente moldadas pelos mesmos princípios; construções comparáveis em diferentes línguas têm funções semelhantes e baseiam-se em princípios semelhantes, ainda que difiram uma das outras de certa maneira; as falas dentro de uma mesma comunidade linguística diferem de outras, enquanto exibem os mesmos padrões estruturais; as línguas mudam ao longo do tempo, mas de forma bastante regular. Assim procede que uma teoria da linguagem possa coerentemente centrar-se sobre os processos dinâmicos que criam as línguas e que lhes possibilitam ter tanto sua estrutura como sua variância. (BYBEE, 2010, p.1).<sup>23</sup>

É este o ponto de convergência entre a concepção de protótipos e a de representação exemplar que queremos aqui salientar: o caráter dinâmico, sem se contrapor ao relativamente estável.

Mondada e Dubois (2003) concebem os protótipos como construções dinâmicas, num passo adiante em relação àqueles que reconhecem a adequação teórica da categorização prototípica, mas que continuam a lhe conferir o estatuto de representações estruturadas e estabilizadas. Seguindo a argumentação das autoras, o protótipo é estabilizado, mas isso se dá entre sujeitos, “no seio de um grupo de sujeitos”, afirmam; o que quer dizer que, mesmo estabilizado, ele não deixa de ser socializado.

Os nomes enquanto rótulos correspondem aos protótipos e contribuem para sua estabilização ao curso de diferentes processos”. Primeiro, eles (os nomes) correspondem às unidades discretas da língua, que permitem uma descontextualização do protótipo segundo os paradigmas disponíveis na língua e garantem sua invariância através dos contextos. Em seguida, a nomeação do protótipo torna possível seu compartilhamento entre muitos indivíduos, através da comunicação linguística, e ele se torna, de fato, um objeto socialmente distribuído, estabilizado no seio de um grupo de sujeitos. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 42)

Ao tratar de *representação exemplar* na memória linguística, Bybee (2010) enfatiza um aspecto importante desse tipo de representação: o fato de que “exemplares” servem para registrar detalhes da experiência linguística.

---

<sup>23</sup> Language is also a phenomenon that exhibits apparent structure and regularity of patterning while at the same time showing considerable variation at all levels: languages differ from one another while still being patently shaped by the same principles; comparable constructions in different languages serve similar functions and are based on similar principles, yet differ from another in specifiable ways; utterances within a language differ from one another while still exhibiting the same structural patterns; languages changes over time, but in fairly regular ways. Thus it follows that a theory of language could reasonably be focused on the dynamic processes that create languages and give them both their structures and their variance.

Representações de exemplares são representações da “memória rica” (*rich memory*); elas contêm, ao menos em potencial, todas as informações que um usuário da língua é capaz de perceber em uma experiência linguística. Essa informação abrange detalhes fonéticos, incluindo traços redundantes e variáveis, itens lexicais e uso de construções, o significado, inferências feitas a partir do significado e do contexto e propriedades do contexto social, físico e linguístico. (BYBEE, 2010, p.14)<sup>24</sup>

Assim, podemos melhor compreender a hipótese sócio-cognitiva discursiva de que os processos cognitivos que operam recorrentemente no uso da língua têm impacto na representação cognitiva, em nível mais abstrato. Esses processos cognitivos, por sua vez, estão a serviço dos usuários e são por eles requeridos. A partir daí é que podemos compreender o caráter dinâmico dos protótipos, como enfatizado por Mondada e Dubois (2003), pois eles não estão independentes dos sujeitos. O mesmo ocorre com a noção de representação exemplar, apresentada por Bybee (2010), os exemplares, por serem construídos como representação da experiência linguística dos sujeitos, são também dinâmicos.

O que agora temos nessa abordagem sócio-cognitiva discursiva é o reconhecimento de que os processos cognitivos efetivamente atuantes na linguagem não são próprios de apenas um sujeito e não são também criados, motivados ou ativados por um sujeito isolado. Temos, então, a concepção de *cognição social*.

Marcuschi (2004, p. 280) utiliza a expressão *cognição distribuída* para explicar a mudança de foco para o social, sem deixar de considerar o cognitivo: “Se até há pouco tempo a cognição era um aspecto individual que ocorria na cabeça das pessoas, agora se torna um aspecto observável na relação intersubjetiva e no trabalho conjunto”.

Com isso, ainda no percurso adotado pela abordagem sócio-cognitiva discursiva, observamos que a noção de experiência linguística também ultrapassa os limites do estritamente pessoal ou individual. A esse respeito, Marcuschi (2007, p.48) observa:

Não importa se escrita ou falada, a língua não é autônoma e só opera como uma forma de apropriação do real pela mediação da experiência. Não de uma experiência direta e individual, mas uma experiência socializada, pois a língua não surge em cada um individualmente e se dá sempre como um evento sócio-cognitivo. (MARCUSCHI, 2007, p.48)

---

<sup>24</sup> Exemplar representations are rich memory representations; they contain, at least potentially, all the information a language user can perceive in a linguistic experience. This information consists on phonetic detail, including redundant and variable features, the lexical items and constructions used, the meaning, inferences made from this meaning and from context, and properties of the social, physical and linguist context.

Assim se rejeita a dicotomia objetividade X subjetividade, entendendo-se que não é necessário passar de uma concepção de língua autônoma, por si mesma capaz de discretizar o mundo, para uma concepção radicalmente subjetivista, ou em direção inversa, do subjetivismo para o objetivismo; mas que o individual e social se conjugam na atividade linguística.

Salomão (2005) a partir de estudos contemporâneos mais radicais – como o de Hutchins (2002) que chega a concluir que “um grupo social é um sistema cognitivo” –, formula uma reflexão que nos permite melhor compreender a noção de experiência socializada.

Na verdade, uma vez que cada um dos sujeitos, que participa deste grupo, adquire, pela aprendizagem, o conjunto de representações das experiências das gerações precedentes, na forma de um acervo de modelos culturais, este indivíduo passa a ter acesso a uma base de dados que seria incapaz de constituir no decurso de sua vida pessoal. (SALOMÃO, 2005, p. 162)

É, pois, no âmbito de uma abordagem sócio-cognitiva que se propõe a noção de referenciação como atividade discursiva que os sujeitos operam para dizer o que dizem, numa construção conjunta de uma “realidade”, que se configura como “realidade criada ou recriada” e não como realidade concreta. Sob essa ótica, o “produto” dessa atividade, a referência, não é algo pré-estabelecido pelo sistema da língua, mas algo que se faz no e pelo discurso: algo, ao mesmo tempo, individual e coletivo, criativo e histórico; algo que conjuga instabilidade e estabilidade.

Para Mondada e Dubois (2003, p. 17), as abordagens sociocognitivas, ao retomarem a questão da referência, necessariamente foram levadas a considerar a instabilidade e, também, os processos de estabilização, como igualmente constitutivos nas atividades do *dizer*.

Dentre os mecanismos atuantes nos eventos sociocognitivos em que a língua se manifesta, destacamos aqui o mecanismo da *imitação*, que colabora para a relativa estabilização de construções (gramaticais e lexicais), sua recorrência e seu fácil compartilhamento. Segundo Bybee (2010, p.16), há certo equívoco na compreensão da imitação como uma operação simples demais, tanto que nem teria valor para a atividade discursiva. De fato, não se trata de imitação simplesmente, mas da imitação junto a outros tantos mecanismos.

É claro que a imitação é muito importante para linguagem, sem descartar outros processos cognitivos essenciais à língua. Ninguém poderia afirmar que a imitação sozinha é suficiente para transmitir a linguagem; além disso, é necessário também ter a capacidade gerativa que permite que as sequências

imitadas sejam usadas de forma produtiva em novas situações. Reconhecer um elevado nível de habilidade na imitação, juntamente com a capacidade de segmentar, categorizar e recombina, nos dá mais chance de explicar como a linguagem funciona. (BYBEE, 2010, p. 16-17)<sup>25</sup>

O exame dos processos de lexicalização que atuam na construção de expressões lexicais para funcionamento em bloco, e também o exame do uso dessas expressões e do que representam nas manifestações discursivas, podem bem nos levar ao entendimento do que a abordagem sociocognitiva discursiva da referência postula em termos de instabilidade e estabilidade, sem pressupor caráter estático, mas a todo o tempo caráter dinâmico.

### **Expressões lexicais e uso do léxico**

Devemos ao estudo de Erman e Warren (2000) a retomada mais recente da questão das “expressões cristalizadas”, a que os autores mais adequadamente chamam de expressões pré-fabricadas (*prefabricated constructions*), definindo-as como “uma combinação de base lexical, constituídas de no mínimo duas palavras que são consideradas como um item de *escolha em bloco* pelos falantes nativos” (ERMAN e WARREN, 2000, p. 32). Baseados em pesquisa em textos jornalísticos escritos, os autores mostram que essas expressões podem apresentar graus diferentes de fixação e que o usuário se vale do *princípio de idiomaticidade* com muito mais frequência do que se costuma imaginar. Esse princípio se diferencia de outro também em atuação no processo de referenciação: o *princípio de escolha aberta*. O primeiro diz respeito à constatação de que o usuário da língua tem à sua disposição um grande número de expressões já previamente construídas que constituem “escolhas simples”, embora pareçam poder ser analisadas em segmentos. O segundo princípio representa a única opção apontada pelos estudos tradicionais, o da escolha aberta, que pressupõe que cada posição em um frase requer uma escolha e o falante sempre seleciona os termos, um a um; ou seja, palavra a palavra.

Com o trabalho de Erman e Warren (2000), toma-se conhecimento de discussões anteriores que remetem a uma nova noção sobre o armazenamento de dados linguísticos em

---

<sup>25</sup> Of course, imitation can be very important to language without precluding other cognitive processes essential to language. No one would claim that imitation alone is sufficient for transmitting language; in addition, it is necessary to have the generative capacity that allows the imitated sequences to be used productively in new situations. Recognizing a high level of skill at imitating along with ability to segment, categorize and recombine gives us a better chance at explaining how language works.

nossa memória. Os autores chamam a atenção para a base cognitiva do princípio de *idiomaticidade*, argumentando, com base nas pesquisas realizadas por Bollinger (1976), que, tendo em vista o fato de que o cérebro humano é capaz de armazenar na memória unidades extensas, seria mais natural trabalhar com a hipótese de que nós armazenamos um grande número de itens complexos, que manipulamos por meio de regras relativamente simples.

E assim, partindo do estudo de Erman e Warren (2000), fomos direcionados para a observação das expressões lexicais sob a ótica da referenciação.

### **Análise de alguns exemplos**

Tal aplicação teórica será respaldada pelo exame de um corpus constituído por 1910 entradas, todas devidamente catalogadas em um glossário, oriundas de amostras de textos pertencentes a um mesmo gênero textual, chamado *informe* pelo próprios *suportes* – jornais e revistas, publicados entre 2005 e 2009. Em todas as amostras, as expressões lexicais examinadas funcionam como títulos, atribuídos pelo autor da notícia.

Ainda acrescentamos, para caracterização do *corpus*, que os diversos textos que compõem um dada coluna de informes são em geral curtos e não necessariamente articulados entre si; mas, em geral, pertencem a um mesmo universo de referência: esporte, política, atualidades, etc.

Seguem-se os exemplos selecionados para este estudo, com comentários de leitura, que podem mostrar o caráter sócio-cognitivo dos processos de desestabilização e estabilização referencial.

#### **(01) Sinal verde**

Em reunião da coordenação política, Lula se manifestou a favor da abertura de capital da Infraero. Usou a Petrobras como exemplo bem sucedido do modelo. (FSP, 2 de agosto de 2007)

O uso da expressão *sinal verde* no texto (1) encontra base na experiência socializada com sinais de trânsito e, a partir desta base, constrói coletivamente a ideia de “ter permissão para seguir em frente”. Identifica-se, pois, nessa construção a estratégia sociocognitiva de metaforização, em que se toma uma representação mais concreta, corporificada visualmente pelas cores em um semáforo, para construir um objeto de discurso de maior complexidade

cognitiva. Há, sem dúvida, um ponto de convergência entre processos metafóricos e processos de estabilização de expressões lexicais: ambos estão fundados na experiência de sujeitos situados no mundo. Não é, portanto, por acaso, que expressões lexicais estabilizadas são com frequência também expressões metafóricas (MENEZES, 2006, 2008).

A referenciação promovida pela expressão pré-fabricada antecipa o que se irá dizer sobre a aprovação de Lula à abertura da empresa Infraero ao capital privado. Seria o caso de se caracterizar como catáfora? Entendemos que não, mas precisamos antes examinar bem o que caracteriza exemplarmente a anáfora e a catáfora, distinguindo-as de outros tipos de articulação referencial. Pensamos que é o caráter remissivo junto com o referencial, como o que se tem no encapsulamento realizado pela expressão nominal usada no final do texto: o nome *modelo* categoriza como “modelo” a “abertura de capital”, numa operação de referenciação por remissão e encapsulamento, concomitantemente, ou seja, uma operação de *encapsulamento anafórico*.

## (2) **Boi de piranha.**

Com Dunga, além de economizar dinheiro, a CBF evita o risco de desgastar um treinador caro durante o longo caminho até a Copa de 2010. (FSP, 9 de julho de 2007)

Neste segundo exemplo, a expressão *boi de piranha* categoriza o referente indicado pelo nome próprio Dunga, técnico da seleção brasileira naquela época (julho de 2007). A referência dessa expressão é construída a partir da referência feita ao “boi que o vaqueiro faz atravessar o rio antes da boiada para saber se há ou não piranhas”. Esse é, pois, um exemplo claro da apropriação – por um dado grupo social ou por uma dada geração – de um conjunto de experiências de um outro grupo ou geração precedente, comprovando a construção conjunta de um acervo linguístico e cultural a que passamos a ter acesso como sujeitos sociais.

Por lexicalização, a expressão passou a referir-se a qualquer pessoa que leva a culpa e arca com as consequências de algo que não se fez. Neste contexto, Dunga assumiu a seleção para jogar amistosos e disputar a Copa América. Caso vá mal, receberá toda a culpa pelo mau desempenho do time. E neste último caso, basta a CBF contratar um técnico de renome para a competição mais importante: as Eliminatórias para Copa.

## (3) **Sem Meias Palavras**



A banda Mexicana Maná exigiu 12 celulares pré-pagos para usar no Brasil. Ela faz show em SP na quarta, no Credicard Hall. (FSP, 02 de junho de 2008)

No último exemplo, a expressão estabilizada *sem meias palavras* referencia coletivamente o “falar abertamente, sem rodeios”, ainda que não tenhamos ideia de como essa referência se veio construindo no uso da língua. O texto revela que a banda Maná assume uma atitude de “poder” ou de “pretensão de poder”, ao exigir os celulares e ao fazer isso “sem cerimônia”. Assim, o emprego da expressão estabilizada reforça o conteúdo do informe e se apresenta como estratégia muito adequada para essa finalidade, por oferecer mais garantias de compartilhamento. Retomando os fundamentos da abordagem sócio-cognitiva discursiva da linguagem, constatamos que a rede cognitiva, não é apenas uma rede social, mas também uma rede comunicativa.

#### (4) **Mundo cão**

E o Instituto de Proteção aos animais do Brasil (IPAB) criticou o fato de uma UTI veterinária móvel ter ficado à disposição dos cães no passeio de Campos de Jordão. “Há discriminação até no mundo animal. Enquanto os cachorros ricos de Campos têm UTI, o centro de controle de Zoonoses de São Paulo não tem um caminhão funcionando para tirar os animais da rua, mesmo que haja um cavalo atropelado na Marginal Tietê”, diz o presidente da ONG, Maurício Esteves. (FSP, 13 de julho de 2007)

A expressão fixa “mundo cão” faz referência metafóricamente à ideia de desumanidade, de exploração da miséria humana; enfim a leitura desse item lexical gera a expectativa de encontrarmos uma situação de injustiça qualquer. Essa hipótese é confirmada no próprio texto que aponta “discriminação até no mundo animal”. Chama a atenção, porém, neste texto, o jogo das duas possíveis referências da expressão “mundo cão”. A primeira, a referência a um “mundo violento e injusto”, é mais abstrata, mas representa uma “representação cultural”, cognitiva e comunicativamente partilhada; a segunda referência – “mundo animal” – é menos abstrata, mais denotativa, no entanto é menos previsível. Há, pois, certa desestabilização da referência metafórica mais previsível e o afloramento de uma referência mais material. A quebra de expectativa, que se inicia com a referência a “animais”, depois a “veterinária”, em seguida a “cães”, confirma, por si mesma, a força da experiência socializada.

## Referenciação e letramento

Revisada a noção clássica de referência, não mais se aceita a simples afirmativa de que “a língua representa a realidade”, com possibilidade de se excluírem os sujeitos, ao se deduzir uma relação direta e objetiva entre língua e realidade. No mínimo diremos que “os sujeitos constroem *realidades* por meio da língua”, para, em seguida, verificar que processos estão envolvidos na atividade de *referenciação*.

O problema não é mais, então, de se perguntar como a informação é transmitida ou como o estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo. Em outros termos, falaremos de *referenciação*, tratando-a, assim como à categorização, como advinda de práticas simbólicas mais que de uma ontologia dada. (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 20).

Não é difícil, pois, estabelecer elos entre essa nova noção de uso da língua e a concepção atual de letramento.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco, porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – *a alfabetização* - e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – *o letramento*. (MAGDA SOARES, 2004, p. 14)

Se no processo de letramento se pretende praticar a habilidade de compreender o que se diz e de dizer o que se quer dizer, a prática de estratégias diversas de referenciação, em diferentes situações, e com diferentes interlocutores faz parte da atividade de letramento. O entendimento de que as expressões lexicais são cognitivamente fundadas nas atividades discursivas, portanto são também social e culturalmente fundadas, deve nos levar a compreender tanto a recorrência de algumas expressões nos discursos de nossos alunos, como a lançar mão de muitas outras expressões lexicais usadas em textos de diferentes gêneros, como recurso com grande potencial para a prática de leitura e de ampliação da experiência linguística dos alunos.

O que dissemos em relação ao uso de expressões lexicais relativamente estabilizadas e com possibilidade iminente de desestabilização, dado que a referenciação se dá no discurso,

também vale para outras tantas atividades de referenciação, como a que se dá no processamento anafórico, por exemplo. O conhecimento das estratégias de referenciação propicia aos professores, sem nenhuma dúvida, a possibilidade de propor muitos exercícios de leitura e de produção de textos.

## **Conclusão**

Além de confirmar a importância do princípio de idiomaticidade apontada por Erman e Warren (2000), identificamos, nas expressões lexicais de uso recorrente que analisamos, as características que depreendemos da concepção de protótipos apresentada por Mondada e Dubois (2003) e da noção de representação de exemplares desenvolvida por Bybee (2010). São estas: dinamismo; instabilidade; relativa estabilização; e relação com a experiência linguístico-cognitiva dos sujeitos sociais.

A possibilidade de os estudos em referenciação colaborarem nas atividades de Letramento torna-se cada vez mais promissora à medida em que esses estudos reúnem os aspectos cognitivos, sociais e discursivos da produção de sentidos. Cientes dos desafios que se apresentam a todos nós de algum modo ligados aos objetivos da Linguística Textual, entendemos que não precisamos esperar que se reformule todo um arcabouço teórico sobre a referência, em toda sua complexidade, para que, então, comecemos a pensar em atividades produtivas no ensino. A mudança de foco no entendimento da referenciação já permite atualizar algumas atividades de leitura e compreensão de textos.

Nesse sentido, acreditamos que as atividades com o “léxico”, na leitura e na escrita, podem ser produtivamente ampliadas, a partir da concepção de que as categorias linguísticas são representações exemplares construídas pelos usuários (na fala e na escrita; como falantes ou produtores, ouvintes ou leitores), sempre e ao mesmo tempo, individuais e coletivos, daí o uso muito adequado da expressão *sujeitos sócio-cognitivos*.

## **Referências**

- BOLLINGER, Dwight. **Meaning and memory**. *Forum Linguisticum*. [S.l.], v. 1, p.1-14, 1976.
- BYBEE, Joan. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

ERMAN, Britt; WARREN, Beatrice. The idiom principle and the open choice principle. **Text**, Berlim, n.20, p. 29-62, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: ILARI, Rodolfo. **Sentido e Significação**. São Paulo: Contexto, 2004, p.263-284.

\_\_\_\_\_. **Cognição, Linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MENEZES, Vanda M. Cardozo de. *A metáfora na estruturação de expressões lexicais previsíveis*. In: Congresso sobre a metáfora na linguagem e no pensamento, 2, 2006. **Anais...** Niterói, UFF, 2006.

\_\_\_\_\_. Expressões lexicalizadas no português brasileiro: construção conjunta e uso comunitário do léxico. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. **Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense (EdUFF), 2008, p. 311-333.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référénciation. In: TRANEL, **Travaux Neuchâtel de linguistique**, n. 23, 1995, p. 1-18.

\_\_\_\_\_. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULIA, Alena (Orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

SALOMÃO (2005, p. 162) Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges; BENTES, Anna Cristina. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p.151-168.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as múltiplas facetas. In. **Revista Brasileira de Educação**, 5, 2004, p.14. [www.scielo.br/rbedu](http://www.scielo.br/rbedu)